



ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO PEDIÁTRICA NO BRASIL

Veronica Perius de Brito¹; João Victor Aguiar Moreira¹; Alice Mirane Malta Carrijo¹; Marcos Vinicius Teixeira Martins¹; Thales Junqueira Oliveira¹; Kaio Saramago Mendonça¹; Caio Augusto de Lima²; Caroline Coutinho Horácio Alves³; Tatiany Calegari⁴

¹ Graduando(a) em Medicina pela Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

² Graduanda em Biomedicina pelo Instituto de Ciências Biomédicas da UFU

³ Mestrando em Ciências da Saúde FAMED - UFU

⁴ Doutora em Ciências. Professora Adjunta do Curso de Graduação em Enfermagem - FAMED - UFU

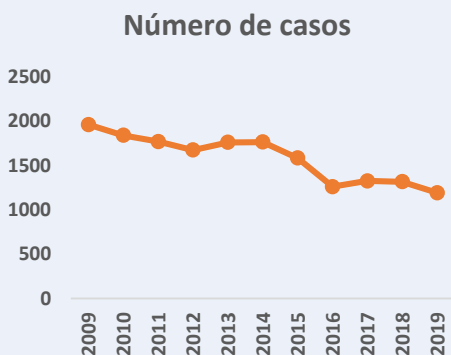
Introdução: A Hanseníase é uma doença infectocontagiosa, cujo agente etiológico possui tropismo pela pele e nervos periféricos, conduzindo a apresentação de deformidades e incapacidades, especialmente em casos de acometimento precoce.

Objetivo: Realizar uma análise epidemiológica e sócio demográfica da Hanseníase em crianças de 0 a 14 anos, de 2009 e 2019, no Brasil.

Métodos: Estudo observacional, transversal, a partir de dados do Sistema de Informação e Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde.

Resultados: Foram notificados 26.684 casos entre a população pediátrica, o que representa 6,35% do total de registros no país (420.224). A faixa etária mais acometida foi de 10 a 14 anos, com valor de 17.445 (65,37%). Destacam-se os estados do Pará, Maranhão e Pernambuco que acumulam 16,52%, 16,67% e 11,18% das notificações.

Gráfico 1: Casos de hanseníase entre a população pediátrica por ano.



Quanto às etnias, houve um predomínio de jovens pardos, com 17.449 casos (64,68%), sem distinção significativa entre os sexos. Entre 2009 e 2019, houve uma redução de 39,79% dos registros (Gráfico 1). Não houve grandes distinções entre as formas paucibacilar (52,04%) e multibacilar (47,82%). Dentre as formas multibacilares destaca-se a dimorfa com 75% desses casos. Entre as paucibacilares, a primeira foi a indeterminada com 51,14%, seguida da tuberculoide com 46,54% de casos. O esquema padrão de tratamento foi poliquimioterapia em 6 ou 12 doses em 98,85% dos casos.

Conclusão: Frente ao seu longo período de incubação, a Hanseníase na infância é rara. Assim, o alto registro ainda observado sinaliza a hiperendemicidade na comunidade caracterizado pelo contato precoce com bacilíferos, fato reiterado pelo grande número de casos das formas multibacilares, extremamente incomuns entre a população pediátrica. Esse quadro sinaliza a gravidade da doença e expõe a deficiência em sua vigilância e controle, apontando para a necessidade de ações de educação em saúde, diagnóstico precoce e tratamento, especialmente, frente ao estigma e sequelas entre os acometidos.

Referências

BARBIERI, Carolina Luisa Alves; MARQUES, Heloisa Helena de Souza. Hanseníase em crianças e adolescentes: revisão bibliográfica e situação atual no Brasil. *Pediatría (São Paulo)*, v. 31, n. 4, p. 281-290, 2009.